

Em Israel: Nossas Primeiras Experiências.

KINERET e Afikim são os dois *kibutzim* onde passamos nossas primeiras experiências mais profundas no país. Ambos correspondem a períodos diferentes: em Kineret fizemos nossa primeira *hachshará* (preparação), entramos em contacto com o país e o *kibutz*. Em Afikim concentrámo-nos durante o tempo de preparação antes da saída para a colonização própria; lá, atravessamos a experiência do exército.

A CRISE DO “OLÉ CHADASH”*

NINGUEM chegará a esta terra, ao kibutz, e nêle calmamente se instalará, de um dia para outro, ninguém continuará a viver como vivia normalmente. E isso não apenas por se tratar de um lugar diferente, ou de condições sociais novas. É esta uma terra de vida tão rica, atravessando um período tão fervente, e os problemas materiais, militares, sociais, que enfrenta são tão grandes, e o dinamismo de ação e pensamento dêste povo que se atira para o futuro é tão maior ainda, que o erguimento do Estado é uma convulsão poderosa que arrasta, revira, maltrata todo homem ou grupo que aquí aporte: é a crise do “*olé chadash*”.*

Ela sempre será dolorosa, e por isto muitos cairão. Mas não significa isso que seja negativa. Pelo contrário. Esta é uma terra, como foi dito certa vez, onde um homem, para ligar-se, precisa pôr-se a trabalhar e aprender com a cabeça, as mãos, e os pés.

Porque, de um lado, os problemas: o choque com a nova condição social, obreira, coletivista; o embate com a terra e o clima, ambos difíceis; os problemas econômicos de um Estado em déficit; a mescla contraditória de raças e côres, que em comum possuem

* *Olé chadash* — emigrante novo.

apenas um problema, o de serem judeus, mas nenhum, nenhum característico a mais, quer de cultura, educação, hábitos, língua; a constante ameaça de, pelo menos, quatro exércitos inimigos sôbre a fronteira.

E pelo outro lado, a repentina consciência, para o judeu milenarmente desarraigado, da posse da terra, da nacionalidade, a descoberta de uma vida e cultura nova da qual, por mais estranho que se sinta êle nos primeiros momentos, é êle participante por condição natural, pois nacional, e o defrontar-se com as imensas possibilidades desta vida, suas exigências agudas a cada um dos indivíduos para que dê seu máximo e seu melhor, e, o que é muito mais, o sentimento de solidariedade com a massa imensa de outros homens que sentem os mesmos problemas e os mesmos estímulos, e junto aos quais, e entre os quais, é êle atirado para a frente, para o trabalho, para a construção, qual o homem que, chegando, conservará calma e equilíbrio, não passe períodos de dúvida e entusiasmo, de instabilidade, enfim?

Sabemos não existir preparação que poupe ao homem ou grupo as dores do primeiro contacto com a terra. Ao contrário, quando mais preparado, quando mais característica sua personalidade, tanto maior o choque. E nós nos havíamos preparado muito, nosso grupo possuía qualidades duramente forjadas no movimento e na *hachshará* passada no Brasil; havíamos construído, imposto idéias ao grupo, as temperáramos na vida conjunta e na experiência de todos. Por isto, nosso embate com a terra foi violento. Pagamos um caro preço pela nossa adaptação, chaverim que perdemos pelo caminho antes que alcançássemos uma situação já mais definitiva, intranquilidade para o grupo e para os indivíduos, mudanças de sentidos e orientações.

Quanto tivemos a aprender de novo! Tudo em que críamos foi submetido à crítica mais aguda. A vida, dia a dia, derrubava conceitos e idéias sôbre as quais possuíamos a mais profunda das certezas. Foi preciso tudo reaprender: o que *kibutz*, o que vida coletiva, o que família, qual a posição certa do homem dentro de sua comunidade, o que é cultura, o que é nacionalidade, o que é ideologia, o que socialismo, o que deveria ser o movimento, tudo, em todos os terrenos, e terrenos sôbre os quais já muito havíamos pensado e discutido.

O período no “*meshek vatik*”, no *kibutz* com três gerações de membros, foi decisivo para isso. Nosso grupo não vinha como uma

folha em branco, mas com idéias e conceitos. Tivemos a aprender, em primeiro lugar, que cometéramos um êrro de perspectiva: enquanto criávamos a organização juvenil na Golá, o movimento *kibutziano* não parara à nossa espera. Ao contrário, quando nem éramos nascidos, *chalutzim* labutavam já nestas terras, contra condições ferozmente adversas, construíam as bases e a experiência de um sistema de vida e produção coletiva que hoje possui solidez inabalável. Houve que aprender como as idéias sôbre vida social, ensaiadas na *hachshará*, estavam já ultrapassadas; que a vida social no *kibutz*, em primeiro lugar, está baseada numa sólida vida familiar; que em nossos conceitos sôbre indivíduo e grupo, a completa negação das necessidades do indivíduo no altar dos interêsses do coletivo, havia muito de romântico, de insustentável na vida real. Percebemos como a organização social do *kibutz* permitia e exigia do indivíduo seu desenvolvimento ao máximo, como incentivava seu aperfeiçoamento em todos os terrenos em que fôsse capaz de se aperfeiçoar, como a individualidade nem era negada e muito menos destruída, mas adaptada ao coletivo, suas responsabilidades, seus interêsses. Compreendemos como o homem era valorizado exatamente pelas suas qualidades verdadeiras: sua fôrça interna, sua profundidade, sua capacidade de trabalho, sua especificidade positiva.

Vimos que teríamos que participar com todo poder de nossa inteligência em aprender o significado do trabalho no *kibutz*; a planificação baseada na interligação entre todos os ramos produtivos, e a racionalização ao máximo de cada um dêles; a constante experimentação de novos métodos e idéias, tudo isso em escala nem sonhada antes. Fomos aprender, não apenas como se comemora cultura nacional, mas antes disso, qual seu real significado.

E nos convenceríamos praticamente, por fim, daquilo que crêramos intelectualmente: é o *kibutz* o melhor instrumento econômico, social, e cultural de que dispõe o Estado em desenvolvimento.

A SEGUNDA EXPERIÊNCIA: O EXÉRCITO

O EXERCITO de Defesa de Israel é um organismo tão característico e pessoal de Israel como o *Kibutz* e a *Histadruth*.* Como êles,

* Histadruth — Organização Geral dos Trabalhadores de Israel, particula-

nasceu e agiu ainda antes da Declaração da Independência, e como êles, foi seu pai e é seu filho ao mesmo tempo. Criado por uma combinação de métodos russos, ingleses, suíços, americanos, alemães e franceses, amalgamou-se, personalizou-se e temperou-se nos anos da defesa contra os árabes, da resistência contra os ingleses, da guerra de nossa libertação, dos primeiros anos da vida do Estado. Além disso, nossa situação estratégica internacional, e principalmente, nossa vizinhança, sedenta de sangue e de vingança, torna nosso exército um fator primordial de sobrevivência nacional.

Fazer exército, em Israel, é algo tão natural como votar nas eleições. A par da severíssima preparação militar, possui êle caráter popular e educativo, entrosa-se profundamente na vida e nos problemas do país, é uma de suas instituições aceitas e apoiadas. E até hoje revelou-se o exército o mais eficiente fator na absorção da grande *aliá*, na mistura de seus componentes tão diversos, da sua adaptação às condições do país.

Dentro do exército existe uma seção especial, a Nachal (Juventude *Chalutziana* Combatente), à qual se ligou o grupo brasileiro. É uma adaptação da forma militar ao sistema de vida *kibutziano*. Reune a preparação militar e o trabalho em *kibutzim*, inclusive a criação de novos, em pontos de interesse estratégico. Seus membros fazem um período de treinamento militar intensivo, em seguida ligam-se à um *kibutz* onde trabalham normalmente, mas sempre dentro da organização militar, com acampamentos e oficiais próprios. Periódicamente, realizam-se novos períodos de treinamento.

Era nossa intenção permanecer certo tempo em Afikim para aperfeiçoarmo-nos em diversos ramos profissionais, e para alcançar nova solidificação interna, após a crise da saída de Mefalsim. Ingres-

ríssima em seu gênero. Pelo alcance de seus instituições, representa quase, dentro do Estado, um outro Estado, um Estado operário. Reune em si todos os sindicatos operários e todos os membros das colônias coletivistas e aldeias cooperativistas (*kibutzim* e *moshavim*). Domina o país com sua rede cooperativa de compras e vendas, atende à tódta a população trabalhadora com seus serviços de saúde. Possui jornais e editoras, escolas e seminários de todos os tipos, e participa ou possui os maiores empreendimentos econômicos do país, negócios bancários, construções de todos os tipos, transportes de cargas e passageiros, aéreos, marítimos e terrestres, metalúgica, fabricação de cimento, de vidro, exploração de petróleo, etc., tudo com seu próprio capital, capital, pois, da classe operária.

sariamos mais tarde na Nachal, alguns meses antes de sairmos a construir nosso *kibutz*. Seria feito, assim, o período de treinamento militar, e depois, como unidade militar mesmo, sairíamos à colonização. Trata-se, aliás, de uma forma muito empregada. Nossa primeira desilusão deu-se quando se decidiu, após longa discussão, o ingresso imediato na Nachal e imediata também nossa saída para o período de treinamento militar; após isso, voltaríamos, como unidade militar, a Afikim, para então prepararmo-nos. No início, a alteração dos planos nos aborreceu. Mais tarde percebemos a grande importância, para nós, deste período de preparação militar, e não apenas de preparação militar, mas também de estada no exército. Hoje, na análise retrospectiva do período, percebemos o quanto a aparente desgraça foi uma bênção.

Foi no exército que aprendemos a conhecer o homem do país: o *olé chadash* (emigrante novo) europeu, asiático, africano, americano; o *sabra* (nativo) do *kibutz* e da cidade; o companheiro do movimento juvenil israelí e dos outros movimentos da Diáspora; o homem da Palmach,* o *Vatik* das diversas *aliót*** Todos os elementos diferentes e não amalgamados ainda, a base de nossa população. Aprendemos do lugar de cada um dentro do desenvolvimento do país, da participação na criação da cultura, do seu valor social, do seu papel econômico.

Foi também no exército que conhecemos o país, suas cidades, seus *moshavim*, seus *kibutzim*, os lugares históricos, seus montes e seus vales, as fortalezas antigas e os lugares estratégicos modernos, as planícies de terra fértil e as regiões pedregosas e áridas. No exército, enfim, conhecemos mais sobre o país, sua população, suas condições, sua história, do que teríamos conhecido em longos anos de vida.

E não apenas conhecemos os homens e a terra, mas o exército nos entrosou definitivamente, entre os homens, e na terra. Entramos um grupo ainda na fase das primeiras fermentações na nova vida. Saimos homens do país, nele integrados e a êle profundamente ligados.

* Palmach — organização de choque, militarizada, formada nos tempos dos ingleses, e que veio a ser a base do exército de Israel, seu grupo mais preparado e agressivo.

** *Vatik* das diversas *aliót*: — Veterano dos diversos períodos emigratórios.

“KATCHKE”, O MELHOR SOLDADO DO ORIENTE MÉDIO!

INACREDITAVEL? Pois entre nós tivemos a honra de possuir o melhor soldado do Oriente Médio! Era “Kat...”, aliás, desculpem, êle não se chama mais Katchke, êle agora só atende pelo sério nome de Mordechai Chaitchik.

Como foi isso? Uma pura questão de lógica: O grupo brasileiro, que fazia Nachal em Afikim, possuía seu acampamento próprio. E no exército de Israel, a ordem, o asseio, o grau de aproveitamento dos treinamentos e da instrução, são cuidadosamente observados e anotados. Assim, no quarto onde dormia Mordechai, era êle o soldado mais perfeito, exemplo para todos os demais. Vez ou outra, porém, o comandante fazia uma inspeção, para determinar qual o melhor quarto. E qual era? O quarto onde dormia Mordechai!

No meio do curso militar de nosso pessoal, houve uma grande concentração de tôda Nachal do país. Fizeram-se competições, compararam-se resultados de treinamentos, apresentaram-se peças teatrais e exposições. Qual foi o acampamento que mais se salientou? O Acampamento Afikim, o acampamento de nossos companheiros!

Grande honra! Mas muito maior ainda, se considerarmos que a Nachal é hoje em dia o melhor corpo do Exército de Defesa de Israel, e nosso exército, o melhor do Oriente Médio. Se não acreditam, perguntem aos árabes...

No fim das contas, Mordechai Chaitchik, o ex-“Katchke”, é o melhor soldado do Oriente Médio!

KINERET E AFIKIM

MAIS um proveito tivemos neste período: o conhecimento a fundo de dois *kibutzim*, muito diferentes entre sí, mas ambos os mais típicos, cada qual em suas características, em todo o sistema *kibutziano*.

Kineret, o veterano da Segunda Aliá, foi o melhor *kibutz* que poderíamos ter encontrado para o primeiro contacto com o país. Dá a impressão de existir já desde a eternidade; trabalha-se ao lado de *chaverim* cujos avós já trabalhavam no mesmo ramo, no *kibutz*. É um *kibutz* patriarcal, quer em sua localização e aspecto, que são únicos, quer na riqueza, nos ramos de trabalho muito desenvolvidos,

quer nas instituições internas profundamente sólidas e nos valores sociais inabaláveis. Fomos muito bem recebidos em Kineret: os patriarcas hebreus sempre recebiam bem aos estrangeiros... O ambiente social interno é dos melhores, e suas formas de trabalho altamente científicas e racionais. É um *kibutz* que não apenas ocupa lugar importante na história do movimento *kibutziano*, mas, em muitos aspectos, é a própria história do movimento *kibutziano*. Para nós, foi de imenso valor ter sido Kineret nosso primeiro lugar de vida em Israel; apesar disto, seria difícil hoje, já arraigados no país, viver num lugar tão estável, excessivamente estável mesmo, para um grupo jovem e inquieto como o nosso.

Afikim, por sua vez, foi o *kibutz* ideal para nosso segundo período. É o *kibutz* central de nosso movimento, quer pela sua importância econômica, quer pelos seus militantes, que ocupam posições chaves na federação *kibutziana*.

Afikim é profundamente diferente. *Kibutz* da Terceira Aliá, mais jovem, mais dinâmico, mais agitado, de composição humana variadíssima. Lá aprendemos como pode o *kibutz* industrializar-se, pois Afikim conseguiu adaptar a indústria, não a pequena indústria rural, mas a indústria em larga escala, ao sistema social *kibutziano*, coisa em que muitos não acreditavam. Sua enorme fábrica de madeira compensada e sua empresa de transportes de 32 caminhões pesados, são exemplos de tenacidade e iniciativa de indivíduos e do *kibutz*. Lugar de instituições sociais igualmente sólidas, mas com muito mais problemas sociais internos, conseqüência, aliás, de suas próprias qualidades, do seu dinamismo, sua imensa riqueza — que se reflete num nível de vida excessiva e perigosamente alto — sua múltipla composição social. Lá, mais que em qualquer outro lugar do país, reconhecemos as possibilidades de desenvolvimento do *kibutz* em todos os terrenos, questão apenas de indivíduos inteligentes que possuam força e determinação suficientes para aproveitar e desenvolver estas possibilidades.